

Arthur Cravan, um andarilho urgente

Arthur Cravan

Maintenant, seguido de crônicas y testimonios. Tradução e prólogo de Mariano Dupont. Buenos Aires: Editora Caja Negra, 2010, 143 páginas.

Cartas de amor a Mina Loy. Tradução de Manuel Arranz. Cáceres: Editora Periférica, 2012, 71 páginas.

Edson Passetti

Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências sociais na PUC-SP. Integrante do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e Coordenador do Projeto Temático FAPESP *Ecopolítica*.

A vida se faz a partir de uma linha de fuga inventiva. A presença de homens e mulheres articuladores de práticas e saberes produtores de verdades, e que desrespeitam limites, deram forma ao pensamento revolucionário radical do século XIX. Contudo, neste mesmo século, outras produções artísticas e sociais se voltaram para a construção do sujeito como alguém que recuperava o *cuidado de si* diante do *conheça a ti mesmo* — proposto, incorporado e levado adiante pela filosofia — e propiciaram desenraizamentos.

Nas palavras de Michel Foucault, eles revertiam o apreço pela obra de arte em experimentações constantes que situavam suas vidas *como obras de arte*, introduziam uma nova estética e davam corporeidade à política, iniciada em *si próprios*.

Foram homens e mulheres que não se ajustaram aos recursos valorados das biografias escritas sob as convenções que enfatizam os grandes efeitos sobre suas vidas, sempre exemplares e revestidas, de vez em quando, das esperadas transgressões aceitáveis aos inovadores e revolucionários, aos cientistas, escritores, personalidades políticas, artistas consagrados pela sua importância reconhecida na produção das verdades, que, em maior ou menor medida, reiteraram a ordem ou anunciaram suas reformas a médio e longo prazo.

Anticonvencionais, conhecidos, anônimos ou quase despercebidos, eles abalaram práticas, saberes e verdades. Entre eles estão Nietzsche e os anarquistas, com tudo o que os separam e o que pode ser conversado. Está também um escritor-boxeador chama-

do Fabian Avenarius Lloyd, segundo filho de Otho Holland com Clara Hutchinson, nascido no ano de 1887 — mesmo ano do nascimento de Marcel Duchamp, com quem manteve relativa amizade — e que, sendo praticamente abandonado pelo pai, suspeitava ser filho de Oscar Wilde.

Fabian era sobrinho de Wilde e, por toda sua vida de andarilho, fez-se acompanhar por este vínculo familiar, por certo ou não, para se apresentar contundente, exercitando-se no trampolim para saltar sobre o ambiente artístico, como justificativa para suas intervenções surpreendentes e, por vezes, agressivas. Sabe-se lá ao certo porque, Fabian se transformou em Arthur (homenageando Arthur Rimbaud) Cravan, poeta, boxeador, editor da revista *Maintenant* (editada em 5 números, entre 1912 e 1915, sem periodicidade regular), andarilho, vagabundo, amigo de pessoas extravagantes e marginais, que carregava seu corpo alto de 1,90m e sua grande força física, relacionados às suas palavras secas, redigidas ou proferidas para aturdir os bons recantos da *sociedade*.

Andou pela Europa, Américas (Blaise Cendrars, suíço como Cravan e apreciador da literatura de viajantes e dos chamados marginais, conta que

ele passou pelo Brasil antes mesmo dele por aqui chegar e escrever, entre outros, sobre Febrônio Índio do Brasil em seu livro *La vie dangereuse*, de 1938); desafiou em combate, em Barcelona, no ano de 1916, o campeão de boxe Jack Jackson, para quem perdeu por nocaute, no 6º *round* (dizem que foi uma tremenda *marmelada*); escreveu cartas a Mina Loy, seu grande amor, atravessando os Estados Unidos e o Canadá e voltando ao México para reencontrá-la, andarem, viajarem e empobrecidos decidirem seguir para Buenos Aires (ela foi, descobriu estar grávida de Fabienne Benedict; ele desapareceu); outras dirigidas à sua mãe, que somente vieram a conhecimento por meio de sua filha e que as apresentou à estudiosa de sua existência, Maria Lluísa Borrás¹, depois da morte de Otho, irmão de Cravan e muito amigo da pesquisadora de arte. Bem, mas esse é o campo da biografia, que não me ocuparei nesta resenha de dois pequenos livros — *Arthur Cravan. Maintenant, seguido de crônicas y testimonios*, com tradução e prólogo precioso de Mariano Dupont, e *Arthur*

¹ Maria Lluísa Borrás. *Arthur Cravan, una biografia*. Barcelona: Ed. Quaderns Crema, 1993. Ver, também, Nathalie Ernoult. *Arthur Cravan* em Anotação, neste mesmo número.

Cravan. *Cartas de amor a Mina Loy*, traduzidas por Manuel Arranz com nota dos editores, lançados, respectivamente em 2010, em Buenos Aires, pela Editora Caja Negra, e em 2012, em Cáceres (na região de Extremadura), na Espanha, pela Editora Periférica.

Coda

Arthur Cravan reaparece em língua espanhola, está presente em inglês e francês e é quase ignorado em português e no Brasil. Ele é conhecido dos críticos de arte, pois muitos o consideram precursor do dadaísmo, e deve andar na ponta-da-língua de *habitués* de círculos literários, despejando sua estranha e sintética biografia; pode estar em alguma prateleira ou gaveta de conhecidos editores sabedores da obra de Andre Breton e aguardando um sinal das exigências culturais; está entre os leitores da sólida obra de Enrique Vila-Matas; quem sabe se encontra até em um canto sujo de algum punk, pois sua revista *Maintenant*, escrita, publicada e distribuída pelo próprio Cravan pode ser também procedência dos *fanzines*; estará entre os leitores de Foucault? O filósofo propicia com suas análises sobre a estética da existência o encontro com Arthur Cravan, e mesmo sem ter dito ou escrito palavra sobre ele, situou Oscar

Wilde e André Gide fora do patamar das narrativas libertinas por falarem da homossexualidade como “inversão estratégica de uma ‘mesma’ vontade de verdade” (FOUCAULT, 1979: 243). Mas Cravan meteu um direto no queixo de Gide em *Maintenant 2*, por meio de uma visita hipotética.

Agora ou nunca

No ringue com Gide está em jogo para Cravan a arte como meio e não como fim. A riqueza, para ele é um ato desonesto. Para sobressair no meio artístico, produz um encontro imaginário com André Gide, um milionário, que falara mal “do querubim desnudo cujo nome é Théophile Gautier” (*Maintenant 2*) (CRAVAN, 2010: 30), tinha usado e abusado dos escritos de Oscar Wilde e era incapaz de um verso vivo. Contrapõe Wilde, que “falava com o corpo” (*Maintenant 1*) (Idem: 27) a este homem que “não tinha o aspecto de um filho bastardo, nem de um elefante, nem de muitos homens: tem o aspecto de um artista (...) é higiênico e está longe de um Verlaine, que levava sua sífilis, com languidez... não frequenta as cadelas nem antros de perdição... e é prudente”. Cravan pretende mostrar o homem Gide não apartado de sua obra, um retrato do *artista* de época, cuja imagem deve

espelhar a arte, que produz o que se chama de arte por meio da imitação e destinada aos salões. Uma arte de *alma* apartada do corpo, própria de um homem *prudente*. Cravan não imputa sua envergadura física como referência para a arte, apenas a opção a esta imagem do artista acomodado em literaturas, com gestos finos, postura reflexiva, capaz de repisar verdades acomodadas sob o signo da transgressão. Em certo sentido, está num diapasão artaudiano, mais tarde explicitado por meio da sua constatação, por meio da loucura, na qual o louco enuncia verdades insuportáveis para a sociedade. *Maintenant* anuncia o insuportável.

É nesta perspectiva que Cravan ataca o Salão dos Independentes (*Maintenant 4*), e os críticos de arte e suas resenhas em jornais destinadas aos homens superiores que precisam deles, por falta de imaginação, para se orientarem, pois “a arte é dos burgueses e entendo por burguês: um homem sem imaginação” (Ibidem: 62-64)²; retoma a descrição do artista a

² Nesta perspectiva o alvo de Cravan é o mesmo do de Gustave Courbet durante a Comuna de Paris. Cf. Gustave Courbet. “Carta aos artistas de Paris”. *Revista Verve*. São Paulo, Nu-Sol, v. 15, 2009, pp.123-125. Também disponível em <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve15.pdf>

partir de Gide e emenda: “para mim, pois, um homem fino ou sutil é quase sempre um idiota”, agregando artista, crítico e *baba ovos* de ambos. Os artistas não são homens, acreditam que a arte é superior à natureza: “surpreende-me que um vigarista do espírito não tenha a ideia de abrir uma academia de literatura”, e despreza “tanto um imitador de Carolus Duran como de Van Gogh. O primeiro é mais ingênuo e o segundo tem mais cultura e boa vontade: duas coisas bem deploráveis” (Ibidem: 62-64). Para Cravan a produção da arte como vida abala os conformismos, não dá descanso e não produz contemplação, e separa, portanto, arte de história da arte; situa o cubismo, sem preconceitos: “prefiro todas excentricidades de um espírito mais banal que seja que todas as obras insípidas de um imbecil burguês” (Ibidem: 68). A Delaunay diz faltarlhe o futurismo (e para Cravan toda pintura derivará do futurismo); sua pintura é efeito de algumas aulas que obteve com Madame Delaunay sobre seus poucos conhecimentos das ciências físicas. A lista de pintores comentados é imensa e situa os que passarão a ser desconhecidos por serem efeitos da imitação de sua época. Sobre as críticas que

recebeu pelo seu antissemitismo, por sinal mal compreendido, as palavras de Cravan deixam isso claro em suas declarações fechando o incidente: “o senhor Appolinaire não é judeu, é católico romano”; sobre as deseducadas palavras a Marie Laurencin, diz: “quando digo ‘há uma que necessitaria que lhe levantassem a saia e lhe metessem uma grande... em alguma parte...’, insisto que se leia ao pé da letra: ‘há uma que necessitaria que lhe levantassem a saia e lhe metessem uma grande astronomia no Teatro de Variedades’” (Ibidem: 73). Seguem-se processos e prisões ao mesmo tempo que o conhecimento sobre Cravan, a importância de sua pequena e única revista, seus inventivos escritos, seus fabulosos encontros imaginados, suas respostas bem-humoradas e sem recuos não se dispõem à polêmica. A Appolinaire, ainda, destinará uma final resposta por meio de uma suposta carta-poema recebida do poeta, noticiada assim; “Satisfeito com as explicações o judeu Guillaume Appolinaire; acusamos o recebimento de sua carta a M. Cravan, e, como acemos com ele, a consignamos no presente processo verbal.

Claude CHÉREAU

Pintor

Jerôme THARAUD

Homem de letras

Cavaleiro da Legião de Honra

Arthur CRAVAN

Trapaceiro

Marinheiro do Pacífico

Mulo

Coletor de laranjas na Califórnia

Encantador de serpentes

Vil

Sobrinho de Oscar Wilde

Lenhador em bosques gigantescos

Ex-campeão de boxe da França

Neto do chanceler da rainha

Chofer de automóvel em Berlin

Ladrão

Etc., etc., etc.” (Ibidem: 74).

E se assim é, assim lhe parece. Cravan teve ampliado o seu currículo e as descrições sobre suas intempestividades pelos mais diversos leitores e pessoas que por ele passaram. Lançando mão de Appolinaire descreveu a si próprio como deveria ser conhecido e assim o foi.

À sua maneira, encontra-se, certa vez, com o espectro de Oscar Wilde e relata sua conversação em *Maintenant*

3. O tio, ou mesmo seu suposto pai³, visita-o na noite de 23 de março de 1913, quando Cravan sintetizava a literatura como: “ta,ta,ta,ta,ta,ta. A Arte pouco importa!” (Ibidem: 46). Pensava no *prosopoema*, visivelmente sob a presença de Rimbaud, como uma “peça iniciada em prosa, que insensivelmente, através de chamados — pela rima — em princípio distantes e logo cada vez mais próximos, nascia a poesia pura” (Ibidem, 48). Em seu corpo, diz Cravan ao tio, habitavam *mil almas*, não lhe cabendo somente a do artista ou a do ladrão, muito menos, diríamos, a identidade (o idêntico, o semelhante, o análogo e o oposto que faz da diferença objeto da representação e produz sujeições e assujeitamentos) comum à cultura burguesa, ou mesmo as equações psicanalíticas e definições psiquiátricas para dar conta de uma suposta esquizofrenia. Cravan explicitava os efeitos esperados pelo regime das identidades e o

³ “Wilde se divertia cada vez mais. Logo, de repente, melancólico disse: ‘E Nelly? (É minha mãe.) Esta pergunta causou-me um estranho efeito físico, porque, em repetidas ocasiões, haviam-me instruído pela metade sobre meu nascimento misterioso; muito pouco claro, deixando-me supor que Oscar Wilde poderia ser meu pai” (Idem, 56).

insuportável das *mil almas* que ele governava em si, mas que a partir de um momento, em 1917, não dará mais conta destes *multos de mim*, como situara, no século anterior, o filósofo Max Stirner ao implodir a noção de indivíduo. Cravan poderia ter sido apanhado como um doente mental, ou simplesmente o que foi: um sujeito insuportável, destinado ao ostracismo ou ao próprio desaparecimento. A arte e a vida daquela época não aturavam pessoas como Cravan, capaz de perambular pelas ruas de Berlim com quatro ou cinco mulheres penduradas em seu corpo e que lhe valeu, naquela *doida* cidade relatada por tantos, simplesmente a expulsão. Ao seu gosto a despedida de Wilde deu-se com um aperto de mãos, um abraço e um sussurro do *tio-pai*: “You are a terrible boy” (Ibidem: 58).

Wilde estivera na revista *Maintenant I* na sessão “Documentos inéditos sobre Oscar Wilde”, para que Cravan pudesse situar o corpo que fala, o falar com o corpo, com gestos amplos e outras vezes encantadores, que ele incorpora em seus pronunciamentos, levando à concretização de um *strip-tease*, durante uma conferência em Nova Iorque, ao relacionar o ato da palestra com a dança e a dança

do boxeador no ringue⁴. Palavras e corpo em dança para golpear o marasmo. Todos sabiam quem era Cravan, se o chamavam era porque esperavam dele um espetáculo para apreço burguês; todavia, ciente do que queriam, Cravan sabia estarrecê-los. O excêntrico ou o exótico, tão ao gosto da intelectualidade da época, desmoronavam diante das admiráveis reviravoltas realizadas por Cravan.

“Poeta e boxeador” é o título de abertura do último número da revista, a *Maintenant* 5. Expõe o mundo das lutas preparadas, as aborrecidas histórias de artistas, passadas e repassadas por intelectuais pelas ruas, instantes de seus 17 anos agora projetados: “tinha 34 anos e era cigarro” (Ibidem: 80). Início de viagem de trem e (ou já meio?) de *prosopoema*, acompanhado de vários neologismos em conversas com um velho, o pequeno burguês, a mulher estadunidense — “a velha putona” — com a filha, a quem pretende arrastar ao banheiro para masturbá-lo e penetrá-la, até que de repente, vê-se lado a lado com a filha, com quem deseja” uma existência burguesa

⁴ Ver no mesmo livro dois artigos: um publicado pelo *Paris-Midi*, em 5 de julho de 1914, e outro do *The Sun*, em 20 de abril de 1917 (Cravan, 2010: 104-109).

em sua companhia e...: os tapetes lançarão suas chamas” (Ibidem: 83) (segue o sonho em elipse até o “I say boy, here we are: Liverpool, era a voz de meu manager. Alllright”) (Ibidem: 84)⁵.

Maintenant em 5 números tem um só autor de poesias futuristas, *prosopoema*, anúncios estranhos, o embate Wilde-Gide, um desmanche bem humorado do Salão dos Independentes, o artista delineado e o boxeador-artista em seus mais derivados bailados, inventando palavras, encontros, pronunciamentos, desacatos, que levaram Cravan a permanecer o que sempre fora, desde jovem: um andarilho. A revista não fechou, ele a interrompeu.

Cravan escreveu, editou, imprimiu e vendeu. Comprou quem quis — ou como disse mais tarde Oswald de Andrade sobre a própria obra —, *este biscoito fino que fabrico*. Gide, Appolinaire, uns tantos outros o detestavam; alguns o admiravam: eram famosos e anônimos. Duchamp não gostava dele, nem ele de Duchamp. “Ainda que em anos diferentes, ambos protagonizariam, em plena juventude, duas misteriosas desapareições. Compartilham este ponto em comum,

⁵ Final do texto, assinado por A.C..

mas as desapareições foram de signos distintos, pois enquanto Duchamp se escondeu em Munique para meditar sobre sua posição diante da obra de arte e averiguar como poderia fabricar uma felicidade constante e prodigiosa, Cravan, por sua vez, orientou sua fuga em direção contrária, em direção à morte e à desapareição drástica (...). Pode uma desapareição ser uma obra de arte?” (Vila-Matas, 2012).

Desaparecido, ou também morto. Atestam seu desaparecimento pessoas como Duchamp — “um dia subiu em um bote e nunca voltou” (Cravan, 2010: 126) — ; segundo André Salmon, ele se meteu em propaganda perigosa e com os fora da lei entrou em combate com a polícia: “Não poderia dizer com exatidão se as sólidas balas de um desses Colt Frontier incorporados ao material do ‘fantástico social’ alcançaram Arthur, ou se o rio foi mais forte que o magnífico atleta. A verdade é que o rio, finalmente o absorveu” (Ibidem, 125). Cravan morreu ou desapareceu, em 1918, no México, um ano antes da morte de Emiliano Zapatta. De acordo com André Breton, “Cravan morreu assassinado no México” (Ibidem: 90); ou, segundo o mesmo Breton, “desapareceu, há alguns anos,

ao pretender atravessar, sozinho, em um dia de tormenta, o Golfo do México” (Ibidem: 122). Ia para Buenos Aires ao encontro de Mina Loy⁶, ou... simplesmente produziu sua viagem ao desaparecimento.

A importante publicação da editora argentina Cajá Negra, além do prefácio “Arthur Cravan está vivo”, por Mariano Dupont, de sofisticada leitura, se encerra com vários testemunhos: Andre Lével, Leon Trotsky, Francis Picabia, Gabrielle Buffet-Picabia, André Breton, André Salmon e Marcel Duchamp. Para Salmon, um rebelde “integral a ponto de desprezar os centros revolucionários onde o indivíduo é requisitado pelo grupo, Arthur Cravan soube morrer por sua causa egoísta” (Ibidem: 123). E daqui somos remetidos ao único de Max Stirner, um filósofo de um só livro: *O único e a sua propriedade* (obra de cabeceira de Marcel Duchamp), que lhe cairia bem. Picabia situa este único: “gosto mais de Arthur Cravan que deu a volta ao mundo durante a guerra, perpetuamente obrigado a

⁶ Sobre a passagem de Mina Loy por Buenos Aires, ver Christian Ferrer. “As damas”. In: *Revista Verve*. São Paulo: Nu-Sol, n. 5, 2008 pp. 143-148. Também disponível em <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve8.pdf>.

mudar de nacionalidade a fim de escapar da estupidez humana. Arthur Cravan se disfarçou de soldado para não ser soldado, fez como todos meus amigos, que se disfarçam de homens honestos para não serem homens honestos” (Ibidem, 119)⁷.

Dias de amores e dores

A recente publicação da Editora Periférica nos remete a este Cravan de Picabia, saindo dos Estados Unidos para o Canadá, em companhia do poeta Robert Frost, e regressando ao México com suas dores de amores pela feminista Mina Loy (seu nome de registro era Mina Gertrude Lowy). Foi sua última longa *viagem* conhecida. Era o ano de 1917.

Arthur Cravan ou Fabien Loyd era louco por Mina Loy. Penso também que ela o era por ele:

“— Qual foi o momento mais feliz de sua vida?

ML. Cada momento que passei

⁷ “Philippe Dagen em sua recente novela *Arthur Cravan n'est pas mort noyé* (*Arthur Cravan no murió ahogado*), o devolve a Paris, onde outros asseguram tê-lo visto anos depois de 1918, vendendo nos boulevards as obras completas de Oscar Wilde. Há indícios que Arthur e seu amigo pegaram uma pequena barca em Vera Cruz e iniciaram a travessia do tormentoso golfo de México. Há quem prefere dá-lo por morto em briga numa cantina na fronteira com os Estados Unidos” (Foix, 2008).

com Arthur Cravan.

— E o mais infeliz?

ML. O resto do tempo” (Cravan, 2012: 15)⁸.

A correspondência publicada inicia-se em 12 de julho de 1917 com um simples, rápido e conclusivo: “querida amiga, tens dormido bem?” (Idem: 19). Leremos, adiante, que Cravan não dorme bem; ele a quer ao seu lado, imantada e apertada em seus braços, para amá-la em dobro.

Houve qualquer mal-entendido entre eles antes da partida⁹ que perdurará durante a travessia de ida e volta até o final da correspondência e a aguardada chegada de Mina, na cidade do México, para com ele casar. “O último ano da vida conhecida de Cravan, que vai de setembro de 1917 ao início do outono de 1918, é trepidante. Viaja pelo leste dos Estados Unidos, vestindo por vezes traje de soldado; passa pelo Canadá, neste caso disfarçado de mulher e

⁸ Publicado originalmente em *The Little Review*, em maio de 1929. In *Arthur Cravan. Cartas a Mina Loy*, p. 15.

⁹ “Deveria dar-se conta de que eu não estava precisamente alegre no dia do baile” (4 de setembro); “vivo na esperança de receber uma carta sua.” (5 de setembro) Idem, pp. 25-27; e assim segue até a última carta, já na cidade do México, em 31 de dezembro, quando em desespero, escreve ‘Adeus, adeus, adeus. Tudo, tudo. A vida é atroz’” (Cravan, 2012: 71).

trabalhando em granjas; alista-se em um barco pesqueiro dinamarquês e chega ao México, onde, segundo Blaise Cendrars, outro grande fantasioso, Arthur cruzou a nado a fronteira do rio Grande em busca de minas de prata que ouvira falar” (Foix, 2008).

Em 9 de setembro escreve um pouco sobre si: “só estou bem realmente quando viajo, e me converto praticamente em um imbecil quando permaneço muito tempo em um mesmo lugar”(Cravan, 2012: 30). Cravan na tradição de Thoreau e Nietzsche é um andarilho, não se estabelece em um lugar, o mundo é para ser atravessado, sem passaportes, desvencilhado de uma identidade. É assim que a vida deve ser vivida neste trânsito entre indústrias, suas grandezas e mazelas experimentadas e revolvidas, e a natureza com seus assombros. Como disse na carta de 26 de setembro: “Sou um homem de extremos e do suicídio” (Idem: 37). Até que ponto casar com Mina não foi um ponto de fixação instável, que os empurrava, depois das dificuldades vividas em conjunto no México, a seguir para Buenos Aires? Na ocasião, Cravan recomenda a Mina e a uma amiga que sigam de navio, enquanto ele e o companheiro

dessa mulher procurarão outros meios para seguir viagem. Cravan estaria disposto a isso, perseguir outras de *suas* viagens, ou mesmo cometer o suicídio? Prosseguem mais e mais hipóteses sobre o seu desaparecimento, uma desapareição como obra de arte.

Nas mensagens se declara covarde e sentimental, implora a Mina uma longa carta para consolá-lo, declara seu medo à vida sem ela e suplica pela sua presença. Instalado no México se diz “louco de raiva e impotência” (Ibidem: 44), pede-lhe que reze por ele (em Nova Iorque, ambos tinham o hábito de ler a bíblia no Central Park), e se põe a chorar. Alega estar perdendo a razão e insiste para que ela venha ao México. Declara voto de castidade e escreve, em 24 de dezembro: “nunca mais, se Deus o decidir que não te veja mais, darei um beijo em uma mulher” (Ibidem: 48-49). No dia de Natal: “é necessário que venhas. Ou irei à Nova Iorque. Ou me suicidarei. Estou desesperado” (Ibidem: 51). Declara-se o anjo de Mina, que não voltará a pecar, e encerra a carta com “grandes beijos de meus lábios secos” (Ibidem: 53).

Escreve as derradeiras cartas de 1917, em 31 de dezembro. Já instalado no México, constata-se,

ainda, enfermo e sem melhoras de saúde. Diz ter arranjado um amigo e que em sua companhia ganhará muito dinheiro; que frequenta a casa de seus pais (uma outra invenção?). Pede a Mina que peça a Deus para que os una, repete a declaração de voto de castidade, anuncia uma possível viagem a Buenos Aires e reitera que se em Nova Iorque foi “um monstro”, foi ali mesmo que pressentiu sua mudança e passou a ser um homem capaz de sacrifícios com a dignidade recuperada: “se te causei danos te peço perdão de joelhos; não voltarei a fazê-los; e me dirijo à cristã que há em ti” (Ibidem: 61)¹⁰. Para ele, a vida se tornou atroz.

Mina mexera com Cravan: ele se tornara um homem desesperado de amor, inoculado de cristianismo, solitário, um boxeador de lutas fajutas, um embuste para si mesmo, ou apenas uma *mentira sincera* de amor?

Entre nós

Estranha-se que entre nós pouca atenção se dê a Arthur Cravan. Temos uma vasta publicação de obras de Oscar Wilde, que por si só

¹⁰ “Te peço perdão com o arrependimento mais cristão, perdão por ter-me comportado tão mal” (Idem: 63).

deveria ser o mote para a publicação em língua portuguesa de escritos de/ sobre esse homem estranho e capaz de produzir a vida como linha de fuga. As recentes publicações em castelhano (na Argentina e na Espanha, como mostram estes dois pequenos-grandes livros) situam a relevância das inquietações atemporais.

Não se trata de buscar exemplos sobre a vida como obra de arte, mas de retomar os ensaios sobre existências rebeldes que abalam épocas em que se digladiam conservadorismos e invenções, onde a inovação não é parte do ajuste ou do aperfeiçoamento da ordem, mas instigadora aos jovens a constatarem o óbvio: vive-se só uma vez!

Referências bibliográficas

- CRAVAN, Arthur (2010). *Maintenant, seguido de crónicas y testimonios*. Tradução e prólogo de Mariano Dupont. Buenos Aires: Editora Caja Negra.
- _____. (2012). *Cartas de amor a Mina Loy*. Tradução de Manuel Arranz. Cáceres: Editora Periférica.
- FOUCAULT, Michel (1979). “Não ao sexo rei”. In: *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- FOIX, Vicente Molina (2008). “Las vidas misteriosas de Cravan”. In: *El País*, 17 de agosto de 2008.
- VILA-MATAS, Enrique (2012). “Borracheros, pugilato y arte”. In: *El país*, 20 de março de 2012.